

LUTA PELA TERRA SECA

NICOLAU QUARESMA
E SANTOS
FERNANDES,
REMANESCENTES DE
ESCRAVOS: GENTE
QUE DIVIDE A
MESMA SAGA,
MARCADA POR
DIFICULDADE E
SOFRIMENTO

ANTROPÓLOGOS DE BRASÍLIA TENTAM RESGATAR O TERRITÓRIO, A CULTURA E A HISTÓRIA DE POVOADO MINEIRO REMANESCENTE DE UM QUILOMBO

Flávia Duarte
Da equipe do Correio

Os olhos atentos acompanham o passo daquelas pessoas de feições tão diferentes. Enquanto os irmãos descendentes de japoneses depositam R\$ 1,00 na máquina de refrigerante, Santo Fernandes de Sousa, 52 anos, não tira os olhos dos meninos. O sorriso enviado demonstra a surpresa de Seu Santo diante do povo branco e de olhos puxados. É que, onde mora, só há negros como ele. Gente que divide a mesma história e a mesma saga. São os gorutubanos, comunidade remanescente de escravos que vive às margens do rio Gorutuba, em Minas Gerais.

Antropólogos acreditam que os primeiros moradores tenham chegado lá antes mesmo de 1880, ano da abolição da escravatura. Inclusive, um cruzeiro datado de 1805 foi encontrado em um cemitério local. São descendentes de escravos fugitivos que enfrentaram as condições inóspitas da

região do rio Gorutuba e por lá ficaram. As famílias cresceram e os gorutubanos ocupam, hoje, cerca de 90km² de extensão das margens do rio. Vivem da agricultura de subsistência e dos trocados minguados que conseguem, raramente, com a venda de farinha e da força de trabalho. Por alguns poucos reais, eles tocam a lida do martelo à enxada.

Mas os gorutubanos correm o risco de perder o sustento da roça. Desde a década de 70, as terras ocupadas por seus antepassados foram, aos poucos, invadidas pelos fazendeiros da região. Como muitos não possuem a escritura dos lotes, tornaram-se alvos fáceis da cobiça de brancos.

“Se houver reconhecimento de direito à posse da terra, o Estado poderá ajudar essa comunidade com um programa de agricultura familiar, uma estrutura de comércio e financiamentos, por exemplo”, acredita o presidente da Fundação Cultural Palmares, Carlos Moura,

que assinou um contrato com a Universidade Católica de Brasília (UCB) para recuperar a história do grupo.

Com o objetivo de mapear e fazer um levantamento cartográfico da região em que os negros vivem, o antropólogo e etnógrafo Aderval Costa Filho, da UCB, compartilha a rotina com essas famílias há três meses. “Queremos resgatar a identidade de um povo que, por razões históricas, a perdeu no tempo”, considera José Romualdo Degasper, representante da reitoria da universidade.

A briga, no entanto, só começou. Pela Constituição Federal de 1988, todas as comunidades remanescentes de quilombo têm direito à posse da terra. Na prática, porém, não é o que acontece. Segundo a Fundação Palmares, ao todo no Brasil existem 740 grupos descendentes de escravos. Apenas 39 são reconhecidos como tal e, pior, somente 19 deles conquistaram um pedaço de chão.

FILHOS DA ESCRAVIDÃO

Não é difícil entender o encantamento de Seu Santo diante dos nisseis. Desde que nasceu, Seu Santo só conhece a comunidade em que mora. A casinha de enchimento de barro, dividida com a mulher e os 11 filhos, fica no município mineiro de Pai Pedro, a 920km de Brasília. A cidade mais próxima, situa-se a 70 Km de distância, e é lá que eles buscam, a cada 15 dias, o açúcar, arroz, feijão e toucinho. Na região com foco de Doença de Chagas, remédios e médicos não existem. O dinheiro da aposentadoria e roupas também só são encontrados no município vizinho.

Vida difícil a desse negro de dentes maltratados, olhos cansados e mão muito calejada. Assim como ele, 250 famílias que vivem às margens do Gorutuba só comem o que conseguem colher. Muxiba de porco frita só mesmo quando sobra um tostão. Quando o ônibus com um buraco no

piso aparece e segue pela estrada de terra até o município vizinho, eles fazem as poucas compras.

Por ali, energia elétrica só mesmo na escola. A casa de Santo passa a noite no escuro. Nada de televisão, geladeira ou outras tecnologias. Banho, só frio e na caneca. “A comida muitas vezes se dá para o almoço não dá para a janta”, comenta o senhor que, desde os 11 anos, acorda às cinco da manhã para pegar no batente.

Terra pobre e seca. A abundância de água do rio ficou para outros tempos. Com a construção da barragem Bico de Pedra na década de 80 e com o uso da água para a irrigação das plantações dos fazendeiros, para esses netos e bisnetos de escravos só ficou o rio seco. “Antes tinha peixe, água para cozinhar, beber e tomar banho”, o gorutubano Nicolau Quaresma, 65 anos. “Para a gente, tudo é difícil”, reclama Nicolau.

Algumas coisas, porém, parecem estacionadas no tempo. A falta de comércio e a carência de

mais escolas, por exemplo.

Apesar de católicos, igrejas não há por lá. Até bem pouco tempo, um padre de Janaúba visitava as famílias. Aproveitava para rezar, batizar e abençoar os casamentos. Hoje, o pároco não tem mais aparecido. Resta aos negros contarem apenas com a bênção divina. Aliás, práticas religiosas são muito comuns entre eles. No meio de tanta necessidade, encontram disposição para realizar celebrar as datas de santo. São Pedro, São João, Nossa Senhora do Rosário... estão todos na lista de festividades.

Em algumas casas há o quarto do santo onde acontecem as rezas. Papéis coloridos, velas, forro de chita, e imagens enfeitam o ponto de encontro dos fiéis. Depois dos terços e das ladainhas — rezadas em latim — é hora da festa. Com a influência dos ancestrais, eles tocam os tambores e seguem a noite em danças africanas. Querem pedir chuva, dinheiro, comida, educação saúde e o direito ao pedaço de terra.